



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA**

DJALMA RODRIGUES SEBASTIÃO DA SILVA

**IMAGENS DE PRETOS:
Estereótipos e representações negras nas
propagandas do Ministério da Saúde no Brasil**

**SUMÉ - PB
2017**

DJALMA RODRIGUES SEBASTIÃO DA SILVA

IMAGENS DE PRETOS:

**Estereótipos e representações negras nas
propagandas do Ministério da Saúde no Brasil.**

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia da Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: Professor Dr. Wallace G. Ferreira de Souza.

**SUMÉ - PB
2017**

S586i Silva, Djalma Rodrigues Sebastião da
Imagens de pretos: estereótipos e representações negras
nas propagandas do Ministério da Saúde no Brasil. / Djalma
Rodrigues Sebastião da Silva. - Sumé: [s.n], 2016.
33p.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de
Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo Científico -
Universidade Federal de Campina Grande; Centro de
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de
Tecnologia em Gestão Pública.

1. Gestão pública. 2. Negro - Raça. 3. Preconceito
racial. 4. Identidade. 5. Política de Inclusão. I. Wallace
Gomes Ferreira de Souza. II. Título

CDU 316.347(045)

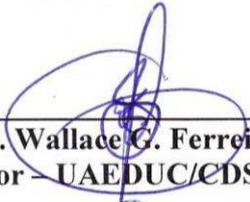
DJALMA RODRIGUES SEBASTIÃO DA SILVA

IMAGENS DE PRETOS:

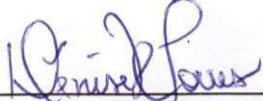
Estereótipos e representações negras nas propagandas do Ministério da Saúde no Brasil.

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia da Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Pública.

BANCA EXAMINADORA:



Professor Dr. Wallace G. Ferreira de Souza.
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Dra. Denise Xavier Torres.
Examinador I – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Dr. Luiz Antônio Coelho da Silva.
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 03 de Maio de 2017.

SUMÉ - PB

RESUMO

O presente trabalho é uma análise dos cartazes das campanhas educativas de saúde, produzidos pelo Ministério da Saúde nos anos de 2012, 2013, 2014, 2015. Traçamos como questão problema o modo como o negro é citado e exposto nestas imagens dos cartazes. Visto assim, objetivo deste trabalho é analisar a representação da população negra nas imagens das campanhas publicitárias do Ministério da Saúde que tratam de doenças infectocontagiosas: HEPATITE, TUBERCULOSE, HANSENÍASE, dos anos 2012, 2013, 2014, 2015 que apresenta o negro como figura marcante nas efígies. Para tanto, tomamos como referencial teórico autores como Santaella (2005), Neiva (1993) Hall (2006), Lins (2014), Nunes e Camino (2014) Therborn (2006), Silva (2012). Ainda nessa questão o trabalho se justifica em contribuir para os diversos aspectos da sociedade, tanto na área social como também acadêmica, uma vez que, criamos a possibilidade de mostrar a população, que as imagens das propagandas do Ministério da Saúde podem incentivar o preconceito e a discriminação racial; estereótipos que denigram a imagem da população negra, pois, apontamos que elas contribuem mesmo que de forma indireta para a continuidade da desigualdade racial em nosso país. Percebe-se que, ao utilizar-se freqüentemente as imagens de negros ligadas a situações de enfermidades o Ministério da Saúde leva-nos a entender que eles seriam, com maior freqüência, os detentores ou suscetíveis as mesmas, isto se refletiria em outras problemáticas sociais.

Palavras-chave: Negro. Saúde. Preconceito Racial. Identidade e políticas de inclusão.

ABSTRACT

The present work is an analysis of the posters of the health education campaigns produced by the Ministry of Health in the years 2012, 2013, 2014, 2015. We draw as a problem question the way in which the black is mentioned and exposed in these images of the posters. Thus, the objective of this work is to analyze the representation of the black population in the images of the advertising campaigns of the Ministry of Health dealing with infectious diseases: HEPATITIS, TUBERCULOSIS, HANSENÍASE, of the years 2012, 2013, 2014, 2015 that presents black as a marked figure in effigies. For this, we take as theoretical reference authors such as Santaella (2005), Neiva (1993) Hall (2006), Lins (2014), Nunes and Camino (2014), Therborn (2006), Silva (2012). Still in this issue, the work is justified in contributing to the different aspects of society, both in the social and academic areas, since we have created the possibility of showing to the general population, which in the images of the advertisements of the Ministry of Health can encourage the Prejudice and racial discrimination; Stereotypes that denigrate the image of the black population in general, because we point out that they contribute even indirectly to the continuity of racial inequality in our country. It is noticed that, when frequently used the images of black people connected to situations of illnesses, the Ministry of Health leads us to understand that they would be, more frequently, the holders or susceptible to them. This would be reflected in other social problems.

Keywords: Black. Health. Racial Prejudice, Racial Identity. Inclusion Policies.

1 INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa é analisar como a população negra é representada nas campanhas educativas lançada pelo Ministério da Saúde nos anos de 2012, 2013, 2014, 2015, que tratam sobre doenças infectocontagiosas, como, hepatite, tuberculose, hanseníase. Buscamos problematizar com isso os aspectos do preconceito racial frente a Política Nacional de Saúde da População Negra. Nessas imagens, assim como afirma Neiva (1993) é possível perceber estereótipos construídos ao longo de um processo histórico marcado pela exclusão da população negra dos espaços de evidência e da condição de sujeitos de direito. Dimensão problematizada pelo Estatuto da Igualdade Racial (lei nº 12.288/10) tal qual relata de forma explícita a punição contra as indiferenças raciais.

Escolhemos adentrar no universo dos estereótipos presentes em campanhas publicitárias de um órgão do estado, ou seja, de uma instância promotora de políticas públicas, pois buscamos problematizar como as representações acerca da população negra assumem um lugar de reprodução de práticas que aprofundam o racismo, sobretudo, a partir do próprio estado, aspecto que evidencia que a discriminação racial não está apenas nos sujeitos individualizados, mas nas instituições, caracterizando assim, a dimensão do racismo institucional. Portanto, diante do que foi apresentado, procuramos expor as relações de conflito entre as imagens da população negra nos cartazes e as teorias apresentadas pelos autores como Neiva (1993); Santaella (2005) e Siqueira (2010) que buscam dentro do ambiente da semiótica mostrar diversas interpretações de cunho racista da simbologia das imagens. Logo, de acordo com essa ciência, fortalecesse ainda mais a possibilidade dos estereótipos dos sujeitos; Nozaki (2009) que representa a forma e condições de maneira histórica como os indivíduos *negros* eram vistos em determinada época.

O objetivo deste trabalho é analisar a representação da população negra nas imagens das campanhas publicitárias do Ministério da Saúde que tratam de doenças infectocontagiosas: HEPATITE, TUBERCULOSE, HANSENÍASE, dos anos 2012, 2013, 2014, 2015 que apresenta o negro como figura marcante nas efígies. Para tanto, buscou-se investigar/problematizar a Política Nacional do Ministério da Saúde sobre a imagem da população negra com ênfase na possibilidade de existência do preconceito racial; identificar nos cartazes que demonstram estereótipos da imagem do negro; interpretar as imagens das campanhas educativas promovidas pelo Ministério da Saúde nos recorrentes anos quanto à questão do preconceito racial frente aos parâmetros das políticas públicas de saúde e cidadania; as formas de abordagens do tema de acordo com as políticas públicas de saúde e

cidadania, que não possibilite interpretação de preconceito racial em nenhum estágio destas campanhas nacional de saúde.

A escolha desse tema “IMAGENS DE PRETOS: estereótipos e representações negras nas propagandas do Ministério da Saúde no Brasil” se justifica a princípio por aspiração individual, pois, essa preferência despertou uma inquietação em perceber que nas imagens das campanhas de doenças infectocontagiosas do Ministério da Saúde 2012, 2013, 2014, 2015 nos possibilita uma leitura de cunho preconceituoso. Assim, segundo Neiva (1993), devido a explicitação dessa leitura poderá nas interpretações dos leitores, apresentar de maneira simbólica a discriminação racial, pois, essas imagens quando apresentada nas campanhas educativas de forma repetitiva, auxilia a fortalecer ainda mais para denegrir os indivíduos de cor negra.

Ainda nessa esfera, no que condiz ao interesse social da Gestão Pública, a intenção desta pesquisa é também contribuir perante a sociedade, que este trabalho possa alertar a população sobre a discriminação racial contra o negro, e também contra as outras classes sociais devido um processo histórico ainda permaneceram as margens da sociedade. E para academia tem importância de novos estudos, pesquisas futuras e novos conceitos, para projeto de extensão que envolva o negro.

No entanto, o corpo deste trabalho se construirá sobre três etapas. O primeiro momento será abordado de maneira histórica como o negro era tratado no período colonial, pois, este nesse contexto será relevante para os estudos deste trabalho, porque seguiremos uma ordem cronológica da forma de como os negros foram tratados. Na segunda ocasião a literatura nos fornecerá informações acerca das desigualdades raciais, e também como o Brasil se comportou com o advento das Políticas Públicas, seus conceitos, e mudanças no território brasileiro. No terceiro momento construiremos a análise das imagens a partir da interpretação da semiótica.

2 POPULAÇÃO NEGRA E A HISTÓRIA DO BRASIL

2.1 Uma história colonial: estereótipos e inferiorização social da população negra.

Durante muito tempo o território africano sofreu com a ação da colonização dos países europeus. As famílias que ali residiam, foram tratadas como *inferiores à população branca*

européia no período colonial e, nessa época foram escravizadas por países como França, Portugal, Holanda, Alemanha, Silva (2010).

Convém também referir, que esse fator assevera o sofrimento das famílias africanas, pois, nesse período, não tinha quem lutasse por melhorias na vida desses indivíduos *Negros*. Na visão de Therborn (2006) nesse período, Portugal tinha como objetivo dominar todo o continente africano para se apossar de países como Moçambique, Angola e Zâmbia, no intuito de transferir boa parte da população negra para outros países. Outro objetivo era relacionar as duas sociedades; escrava e portuguesa, ou seja, fazer um intercâmbio racial, com finalidade de aumentar a população lusa para suprir e fortalecer suas necessidades econômicas pretendidas. Nesse período a sociedade crioula ¹encontrava-se em:

Profunda interpenetração refere-se aqui aos interesses efeitos recíprocos de uma dessas duas classes sobre a outra, especialmente sobre suas relações sociais mais íntimas; seus sistemas de famílias e de gêneros. As sociedades “crioulas” nesse período criaram sistemas familiares duais algumas vezes triangulares brancas, não-brancas, mistas, diferentes entre si, mas cada um deles moldados pelos outros. (THERBORN,2006), p.58.

Na percepção do autor esse novo sistema de agrupamento das famílias negras de *Moçambique* com a sociedade branca *portugueses* tinha como objetivo possibilitar os avanços no campo da economia, pois com o aumento do capital, fortaleceria ainda mais sua agricultura de subsistência, por meio do trabalho escravo nas suas plantações, o que permitia fortalecer ainda mais o comércio ilegal escravocrata para as outras colônias portuguesas.

Para tanto é sabido informar que o processo de formação da identidade negra perpassou pelos diversos níveis discriminatórios no período colonial, como podemos observar:

A situação colonial, assentada em forte preconceito étnico, adotou sempre uma perspectiva etnocêntrica de discriminação aos povos africanos e aos seus valores culturais. Fazendo dos negros meros objetos de sua exploração, o colonialismo incentivou o poder arbitrário do colonizador e instalou a tortura como uma de suas práticas recorrentes. (SECCO,1999, p.11).

¹ Segundo (SEIBERT, 2014) a sociedade crioula ocorreu em duas fases consecutivas. A primeira fase, chamada de sociedade de habitação, foi dominada por pequenas unidades de produção e uma maior aproximação entre colonos e negros, que eram poucos e não ultrapassavam o número de brancos. A segunda fase, a da sociedade de plantação, foi marcada pelas culturas de exportação, pela organização agroindustrial da produção e por uma maior distância social entre senhores e escravos, que constituíam a grande maioria da população.

Dessa forma, o sofrimento de algumas famílias só era apaziguado um pouco quando as famílias consideradas mestiças, formadas por negros e brancos portugueses, eram declaradas como famílias consanguíneas portuguesas. Daí obtinha-se algumas regalias no convívio da sociedade branca, mas, com intuito de sempre fortalecer a economia lusitana, com tanto lucro que estabelecia-se:

As mulheres das famílias mistas eram impedidas de qualquer trabalho produtivo enquanto contassem com um provedor masculino e, seus escravos ou servos. A preocupação das famílias crioulas brancas com a “pureza de sangue” a presença explícita de damas de companhia e controle paternal. (THERBORN, 2006, p. 60.)

Mesmo com essas pequenas regalias concedidas pelo governo lusitano, algumas famílias africanas que residiram nas colônias (Moçambique), viviam em condições precárias aliciadas pelo governo luso. Segundo Therborn (2006) essas famílias Moçambicanas consideradas crioulas ainda não apresentavam nas suas relações conjugais a organização civilizada para o contexto da família, essas ainda remetiam a descontrolada relação conjugal por parte da figura masculina. Com isso, a maioria das famílias africanas na tentativa de construir seu espaço familiar, *herdaram dos portugueses o modelo patriarcal de família*. Logo, as famílias afro foram se estabelecendo e copiando a formação familiar dos europeus, que, segundo o autor, permaneceu da seguinte maneira:

(...) As famílias indígenas africanas de *Moçambique* tenderam a apresentar, no mínimo, uma informalidade oficial e superficial, com a coabitação não oficial amplamente disseminada, alterações em suas linhagens tradicionais e, algumas vezes, poligamia de uma ou de outra forma. (THERBORN, 2006, p. 61)

Therborn (2006) afirma acima que as famílias nas sociedades coloniais do sistema familiar africano não foram definitivamente separadas como de fato aconteceu na escravidão do plantation².

(...) Nesse sentido, a relativa estabilidade dos plantéis maiores certamente não traduz a ‘bondade’ do proprietário ou a benignidade do regime. Ao contrário, ao abrir um espaço para o escravo criar uma ‘vida’ dentro do cativo, a estabilidade torna mais terrível ainda a ameaça de uma eventual separação de parentes por venda (...) (THERBORN APUD. SLENES 1998), p.69-70)

Sendo assim, a zona de sexualidade extrafamiliar e de uniões conjugais informais dos colonizadores, foram marginalizadas em consequência da não benignidade do cliente e

² Segundo (THERBORN, 2006) escravidão do plantation: trabalho escravo na plantação de cana de açúcar e algodão.

tornaram-se relativamente insignificantes em termos numéricos. Ademais, além dos negros não agrupar a sociedade uma forma de participação individual, os escravos como era chamados naquela época se comparavam aos animais, uma vez que seus respectivos donos detinham do poder para comercializá-los. Nessa esfera passaremos no tópico seguinte a perceber de fato como o preconceito foi constituído em nosso país, e também como a figura do negro é visto em tal sociedade. Além disso, iremos abordar também como as Políticas Públicas começaram a acrescentar conceitos que melhorassem o convívio da sociedade no espaço brasileiro.

3 DESIGUALDADES RACIAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

3.1 Conceito e formação de políticas públicas no Brasil

Quando abordamos questões voltadas à política pública no Brasil é de fundamental importância salientarmos que a política pública advém de formulações governamentais que constituem na elaboração de governos democráticos, ou seja, o estado³ como propagador de poder deve estar preparado para desenvolver uma metodologia que se adéque as sugestões de uma sociedade ativa, bem como as contemplações das políticas públicas, as quais permitam a inserção da participação popular e que, estes indivíduos sejam precursores e tomadores de decisões, frente às questões de cunho social que remete ao interesse coletivo.

Ainda nesse contexto Hochman (2007) define que políticas públicas é um campo dentro do estudo da política cujo governo à luz de grandes questões públicas analisa situações de vulnerabilidade social com intuito de saná-las levando serviços a uma faixa de população afetada por aquela vulnerabilidade. Ao relatarmos o conceito do autor é importante salientar que esta visão pode propiciar a população, uma nova realidade do que realmente é o papel das políticas públicas, ou seja, estes argumentos podem também servir de alicerces na maioria das vezes, para defender o interesse individual e coletivo frente ao estado de direito. Logo, as ideias defendidas pelo povo devem ser desenvolvidas e adotadas e relacionada nas discussões entre os mediadores dos órgãos estatais, como podemos observar:

A política pública em geral e a política social, particular são campos multidisciplinares, mais cada qual adota um foco diferente (...) por isso a política pública implica a busca por sintetizar teorias construídas no campo da sociologia, da

³ Do ponto de vista sociológico, o estado é uma forma de organização social e que, como tal, não podia ser dissociado da sociedade e das relações sociais subjacentes. (BOBBIO,1987, p.56).

ciência política e da economia (...) explicando as inter-relações entre Estado, política, economia e sociedade. (HOCHMAN, 2007, p.69).

Visto dessa maneira podemos relatar ainda que segundo o autor a política pública necessita ser abordada num espaço que mobilize a sociedade, para inquietar não só o Estado, mais as diversas áreas que contribui para o bem social, visto que, segundo o autor:

Pode-se, então, resumir política pública como o campo de conhecimento que busca, ao mesmo tempo, colocar o 'governo em ação' e ou analisar essa ação variável independente e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações.(HOCHMAN, 2007, p.69).

Visto assim é importante relatar que diversas definições destacam realmente o objetivo da política pública, que de fato se configura no suporte a resolução de problemas sociais, além disso, a busca por implementações e melhorias na política advinda do estado, na maioria das vezes gera uma insatisfação por parte dos gestores que gerencia o espaço público, uma vez que, o objetivo da política pública se contrapõem a identidade da política dos grupos de interesses, pois segundo Hochman (2007), esses grupos buscam construir uma versão simplificada e unificada nas instituições públicas, fazendo do bem público um núcleo privado onde *supostos gestores* manipulam de forma ilícita a administração pública, como podemos observar:

Tampouco se defende que o “estado” opta sempre por políticas definidas exclusivamente por aqueles que estão no poder, como nas versões também simplificadas do elitismo, nem que serve apenas aos interesses de determinadas classes sociais, como diriam as concepções estruturalistas e funcionalistas do estado. (HOCHMAN, 2007, p.7).

Ainda nessa esfera Hochman (2007) confirma que anterior a década de 80 não havia em nosso país uma política pública democrática, que nos possibilitasse a participação popular nos governos brasileiros. Diante disso o autor indaga ainda que só passaram a perceber a importância da inserção da política pública dentro da gestão pública no Brasil entre os anos 80 e 90.

Na verdade a importância do campo das Políticas Públicas dar-se-á também pelo fato de que com esse novo modelo participativo advindo das lutas sociais, as instituições públicas como a União, Estado e Municípios poderão programar nas suas gestões, adoção de políticas mais democráticas, inclusivas, e com equilíbrio financeiro mais eficiente, é o que Hochman, 2007, argumenta:

A partir dessas políticas, o conhecimento sobre o desenho, a implementação e o processo decisório das políticas públicas ganhou maior importância e visibilidade [...] O fator mais relacionado aos países em desenvolvimento e que democracia recente ou recém democratizados, a maioria desses países, em especial da América Latina, ainda não conseguiu formar coalizões políticas capazes de equacionar, minimamente, a questão de como desenhar políticas públicas capazes de impulsionar o desenvolvimento econômico e de promover inclusão social de grande parte de sua população.(HOCHMAN, 2007.), p.65.

Para o autor a relação entre aplicação de políticas públicas e aceitação, num país como Brasil, não depende só da formulação dessas, mais depende de fatores governamentais tanto internos quanto externos, possibilidades que na maioria das vezes advém da relatividade na maneira de governar, tal qual de um lado do governo a imagem de um grupo de interesse que busca a expansão da legitimidade do poder no âmbito público, do outro os movimentos sociais, em que ambas as partes lutam por influências para persuadir a população de maneira geral.

Devido a esse cenário governamental brasileiro os governantes apresentam nas suas gestões, políticas públicas que interagem com as idéias populares? Os grupos sociais como pobres, negros, homossexuais e etc, estão tendo mais apoio por parte da União, Estado e Municípios devido à evolução das políticas públicas que complementam o cenário dos governantes?

3.2 Desigualdade racial

No tocante a cultura do preconceito racial nos territórios brasileiros Lins (2014) afirmam portanto, que o preconceito racial não é um fenômeno global, mas uma forma de consciência social que se desenvolve em situações históricas concretas, no interior das relações intergrupais, como uma forma de dominância.

Ainda nessa esfera apesar do autor indagar e argumentar sobre o real conceito do racismo é possível observar que a questão situada do racismo, advém também de uma formação ideológica passada de geração em geração, e com isso, segundo Lins, (2014) *apud* Rodrigues, 1999, descreve que:

Contudo, no Brasil, mesmo após a emancipação da população negra, manteve-se uma consciência de diferenças hierárquicas entre as raças, taxando os negros como uma raça biologicamente inferior e divulgando o pensamento de que os mestiços elevariam o seu nível de civilização por meio da diluição do sangue negro, ou seja, pelo branqueamento.(RODRIGUES,2014, p.96).

Para tanto, essa passagem conceitualmente inferior no que tange a forma de tratar os negros, contribuiu de maneira relevante nesta época para que os *brancos* sempre despertassem um grau de superioridade com relação aos indivíduos negros, o que de fato veio a contribuir de forma inaceitável, um sentimento de exclusão que perpetuou por centenas de anos, e que ainda insistentemente nos deparamos com atos de real distinção. Ainda nesse momento, é importante salientar que o Brasil ainda dispõe de uma realidade negativa, no que concerne a figura da sociedade Afro-brasileira. Para Browser (1995) o conjunto dessas mudanças econômicas e culturais influencia diretamente a maneira como as relações raciais são vivenciadas e insere nelas as contradições e ambiguidades típicas do pós-modernismo. A contextualização histórica do racismo permite compreender as formas de manifestação do preconceito.

Justifica-se informar que o processo de desigualdade no Brasil se caracteriza ainda a partir da crença, que determinadas culturas mostram possuir valores culturais mais enraizados no pós-modernismo do que os outros. É o que Lins (2014) afirmam que determinadas culturas constroem os valores que querem para si mesma, e os valores que querem para os outros grupos.

No entanto observaremos no próximo tópico questões sociais representadas pela Política de Saúde para a População Negra e a lei da Igualdade Racial 12.288/10, as quais descrevem da sociedade negra como um ser comum e igual, frente às questões sociais.

3.3 A lei da Igualdade Racial 12.288/10 e suas particularidades

Levando em consideração que nosso país não conseguiu ainda criar políticas públicas efetivas que realmente fizessem a sociedade no geral se conscientizar a respeito das infrações causadas pela discriminação racial. Ainda nesse campo é possível perceber que com advento da Lei da Igualdade Racial, criada em Janeiro 1995, e implementada em 20 de julho de 2010 pela 12.288/10 a qual relata no seu Art. 1º parágrafo único, considera-se:

Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica [...] Discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos políticos, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. Título I-Constituição Federal (1988).

No tocante ao que relata a Carta Magna de 1988, podemos observar em seguida alguns artigos e incisos do texto da lei 12.288/10, no que concerne os direitos da população negra relacionado a questão da saúde:

Art. 6º O direito à saúde da população negra será garantido pelo poder público mediante políticas universais, sociais e econômicas destinadas à redução do risco de doenças e de outros agravos.

§ 1º O acesso universal e igualitário ao Sistema Único de Saúde (SUS) para promoção, proteção e recuperação da saúde da população negra será de responsabilidade dos órgãos e instituições públicas federais, estaduais, distritais e municipais, da administração direta e indireta.

§ 2º O poder público garantirá que o segmento da população negra vinculado aos seguros privados de saúde seja tratado sem discriminação. Art. 7º O conjunto de ações de saúde voltadas à população negra constitui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, organizada de acordo com as diretrizes abaixo especificadas:

I ampliação e fortalecimento da participação de lideranças dos movimentos sociais em defesa da saúde da população negra nas instâncias de participação e controle social do SUS;

II produção de conhecimento científico e tecnológico em saúde da população negra;

III desenvolvimento de processos de informação, comunicação e educação para contribuir com a redução das vulnerabilidades da população negra. Título I - Constituição Federal 1988, p.11.

Ademais, diante da conjuntura representativa previsto pela citação, o artigo prevê os direitos e garantias da população negra com relação à saúde, uma vez que, a sociedade brasileira na sua realidade se distancia um pouco no que relata os direitos representados pela CF. Em suma, Neto (2014) afirma ainda que os grupos sociais assim como: negro, pobres, precisam lutar por mudanças sociais através de políticas públicas que possibilitem a inclusão dessas classes que continua ainda as margens da sociedade.

3.4 A política de saúde e a população negra

Na verdade quando nos deportamos mais uma vez ao processo de mudança no que concerne as políticas públicas ocorridas na década de 80, ficou registrado historicamente que os grupos populacionais negros também se destacaram para lutar por melhores condições de tratamento relacionado à *Política Nacional de saúde a População negra*. Visto assim Neto (2014) afirma que:

As políticas públicas dos últimos anos, direcionadas às pessoas em condições de vulnerabilidade, contribuíram para a redução das desigualdades no Brasil. Em se tratando da saúde, a redução das desigualdades tem ocorrido por uma série de políticas de promoção da equidade, desenvolvidas pelo Ministério da Saúde. Uma delas é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra cujo objetivo é

“garantir a equidade na efetivação do direito humano à saúde da população negra em seus aspectos de promoção, prevenção, atenção, tratamento e recuperação de doenças e agravos transmissíveis e não transmissíveis(...)”. (NETO,2014, p.3).

Nesta condição apontada pelo autor é importante salientar que as lutas sociais em detrimento a uma causa mais justa no que se refere a melhores condições a saúde dessa população, se configurou naquela década como a busca por melhores qualidades de vida, uma vez que, a sociedade pobre e negra era menos favorecida, e com isso houve revoltas por parte dessa massa, com intenção de construir uma nova *identidade*⁴ voltada a equidades dos direitos humanos, e que esses indivíduos lutassem por direitos iguais, assim como afirma a Carta magna brasileira.

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantindo mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Art.196, CF, 1988, p.56.

Diante dessa colocação retratada pela Constituição Federal de 1998, em que a ‘saúde é direito de todos’, ou seja, toda a sociedade sem distinção de raça, cor, grupos sociais e etc. Entretanto os argumentos que serão impostos em seguida por Hall (2006) denuncia ao art.196 da CF, 1998, uma vez que o autor enfatiza que:

A dificuldade de obter e de agrupar informações sobre a realidade da saúde dos negros no país pode se justificar, em parte, pelos ideais de que no Brasil inexistiam obstáculos de ordem estrutural, social, cultural ou racial para a construção de uma nação verdadeiramente democrática. (HALL, 2006, p230).

Ainda nesta questão o autor informa que a população negra sempre encontrou obstáculos no que se refere a benefícios voltados ao tratamento de saúde vinculado ao povo negro, visto que, a fomentação na evolução de políticas públicas que possibilite o indivíduo negro que esteja às margens da sociedade lutar por direitos legais assim como reflete a CF no seu artigo 196, com relação á saúde. Afirma o autor num resultado de uma pesquisa realizada em 2007, que:

O preconceito e a discriminação são variáveis ainda presentes na sociedade brasileira e que afetam os serviços de saúde. Estudo realizado em São Paulo em 2007 evidenciou que 60,0% dos pretos e 40,8% dos pardos percebem discriminação racial nos serviços de saúde. Entretanto, uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, com a população em geral, mostra que 6,0% dos pretos e 3,0% dos pardos já sofreram discriminação no atendimento à saúde. (NETO, 2014,p.241).

⁴ HALL, (2006) Identidade do ponto de vista sociológico é compreendida como “fonte de significado e experiência de um povo”. São nomes, idiomas, culturas que representem distinção entre o eu e o outro, ou seja, é uma construção social.

Ao proporcionarmos essa informação caberia talvez a ideia de criarmos de maneira específica política de saúde voltada especificamente ao público negro, necessariamente a população *negra* teria uma realidade distinta das que presenciamos nessa citação. Esse tipo de política poderia ser muito questionado, uma vez que, “todos são iguais” e advém de direitos iguais, mais ao mesmo tempo nos deportamos aos questionamentos históricos e comprovamos que o negro ainda não advém de direitos iguais no que convém a saúde. É o que o Ministério da Saúde aponta em (2007):

O relatório Saúde Brasil 2005: uma análise da situação de saúde apresenta informações e análises discriminadas segundo raça, cor e etnia, enfocando assistência pré-natal, tipo de parto, baixo peso ao nascer e análise dos dados referentes ao nascimento, incluindo morbimortalidade materno-infantil, em âmbito nacional e regional. (Ministério da Saúde, 2007 p.26)

Baseado nessa colocação do Ministério da Saúde, podemos ressaltar que o número crescente de mortalidade aos indivíduos de cor negra dar-se-á também pela ausência de políticas públicas na saúde, e que essas não são suficientes para beneficiaram a população negra, e com isso diante das dificuldades sociais as quais passam a sociedade de cor, como discriminação social; preconceito e racismos. Para tanto segundo o Ministério da Saúde, a ideia dos grupos sociais composto pela sociedade negra, é que os governos possibilitem a essa classe, inclusão social, e dar:

A esses vêm juntar-se os da participação popular e do controle social, instrumentos fundamentais para a formulação, execução, avaliação e eventuais redirecionamentos das políticas públicas de saúde.[...]Garantia da inserção dos objetivos desta Política nos processos de formação profissional e educação permanente de trabalhadores da saúde, em articulação com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde[...]Adoção do processo de avaliação como parte do planejamento e implementação das iniciativas de promoção da saúde integral da população negra, garantindo tecnologias adequada[...] MS, 2007, p.36

Observando dessa maneira, é importante salientar que diante da multiplicidade de atores e de demandas, a política nacional de saúde na maioria das vezes tende a assumir particularidades regionais e locais, próprias de uma Federação mediada por suas histórias específicas de cunho sócio-econômico-políticas.

No próximo capítulo iremos analisar os cartazes de campanhas educativas sobre doenças infectocontagiosa do Ministério da Saúde, nas quais segundo Neiva (1993) e Santaella (2005), apresenta estereótipos da imagem do negro frente à teoria da semiótica, possibilitando em diversas interpretações o preconceito racial.

4 O TRAJETO TEÓRICO METODOLÓGICO

A pesquisa insere-se em um quadro teórico de estudos sociológicos com aspectos de natureza analítica, a qual se aproxima da pesquisa documental. A priori a constituição do corpus do trabalho está pautada a uma literatura que envolve análises de imagens e busca problematizar a questão do preconceito racial, a Política Nacional de Saúde da População Negra e seus rebatimentos nas campanhas publicitárias do Ministério da Saúde entre o ano de 2012-2013-2014-2015.

Destacamos ainda sobre o debate teórico da formação da identidade da população negra colonial Hall (2006) a qual o autor define essa identidade da seguinte maneira: A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"—entre o mundo pessoal e o mundo público, e ainda esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Ainda nessa esfera da discussão sobre identidade e o enfrentamento ao racismo aproveitaremos Lins (2014) que propõem uma análise crítica sobre o preconceito racial e valores sociais no Brasil, e Lima (2015) e Silva (2012) nos apresentarão informações sobre a Igualdade Racial no nosso País. Essas teorias vão ao encontro dos aspectos extrínsecos e intrínsecos dos cartazes (Imagem do negro) com os aspectos tipicamente pertencentes à sociedade, como: cultura, ideologia Racial e Política Nacional de Saúde da População Negra, que terão também como arcabouço teórico autor como Heringer (2002).

O material a ser analisado são as imagens das campanhas publicitárias do MS, frente às interpretações da semiótica. Ainda nessa esfera empregaremos uma abordagem qualitativa, diante das interpretações das imagens que tomamos como base o método descritivo, para uma melhor interpretação e compreensão de todas as informações. Com isso focalizaremos aspectos sociais como; a discriminação e o preconceito racial; implicitamente a contestação do possível contraponto entre a lei da igualdade racial, e as Campanhas Educativas do Ministério da Saúde. Em seguida serão desenvolvidas também análises de cunho sociológicos

que nos fornecerá subsídio para o fortalecimento da nossa pesquisa voltada a esfera das políticas públicas e sociais.

Do ponto de vista metodológico analisaremos os cartazes das campanhas educativas lançada pelo Ministério da Saúde nos anos de 2012, 2013, 2014, 2015. Diante do ponto de vista analítico nos basearemos nos estudos da Semiótica, que segundo Siqueira (2010) é definida como: “Teoria geral das representações, usando ora o termo signo ora representações”. Diante disso, o foco da nossa análise é tratar da relação entre a interpretação das imagens, tendo como estudos a semiótica e suas representações, assim como: imagem, signos e interpretantes. Para isso utilizaremos como aporte teórico a literatura que será representada pelos autores como Neiva (1993) e Santaella (2005), que fornecerão no ambiente dessa ciência (*Semiótica*), interpretações das relações entre *Imagens, signos e interpretante* frente a uma construção simbólica. Para tanto, Santaella (2005), reforça que a semiótica pode ser observada ainda como um percurso metodológico-analítico que promete dar conta das questões relativas às diferentes naturezas que as imagens podem ter: verbal, imagética e etc.

4.1 Análises e discussões dos resultados: Representações negras nas propagandas do ministério da saúde.

4.1.1 Imagens, signos e interpretante

a) Imagens

Na formação de um conceito que interprete o significado da imagem, Neiva (1993) apresenta uma definição que possibilita ao leitor uma interpretação:

As imagens no vêm de séries conexas continuamente transformadas. A analogia preside as conexões. São essas séries conexas que nos permitem, de possibilidades, interpretar as imagens(...)Analogias possíveis de serem detectadas devido ao nosso pré-conhecimento ou reconhecimento adquirido do referente, do processo cultural que as produziu e, de uma maneira mais imperceptível, devido a nossa própria inserção neste processo de produção. (NEIVA,1993, p.1).

Na verdade observando os argumentos do autor, ainda é sabido ressaltar com relação a análise da imagem, que fica muito complexo nos atermos a um único conceito de imagem, uma vez que, nota-se a exigência de infinitos usos desse termo, que vai desde a interpretação da simbologia como também de uma imagem acústica mental, ou seja, Para Santaella (2005) a imagem estabelece uma semelhança com seus objetos puramente no nível da aparência. Ainda com relação às imagens esta autora reforça o conceito e define que:

As imagens são sistemas um sistema semiótico em que falta uma metassemiótica, ou seja, enquanto a língua pode servir tanto a si mesma como um meio de comunicação, por seu caráter metalingüístico, a imagem não serve como um meio em si mesma. (SIQUEIRA, 2010,p.2)

Visto dessa maneira é importante destacar que diante desse viés o discurso verbal torna-se imprescindível para a ampliação de uma teoria da imagem, além disso, é o indicador verbal que não se desenvolve sem a apresentação das imagens, ou como ele determina, iconicidade. Para tanto no próximo tópico iremos conceituar de maneira analítica o que de fato significa *signos*.

b) Signos

Neste ponto indagamos nossas colocações em relação a teoria dos signos com a afirmação relatando que signo pode ser um estado em que se relaciona ao pensamento, emoções e reações. Na verdade Santaella (2005) contribui também e questiona que:

Se qualquer coisa pode ser um signo, o que é preciso haver nela que possa funcionar como signo? Entre as infinitas propriedades materiais, substanciais e etc. que as coisas tem, há três propriedades formais que lhes dão capacidade para funcionar como signos: sua mera qualidade, sua existência, quer dizer, o simples fato de existir, e seu caráter de lei. Na base do signo, estão, como se pode ver, as três categorias fenomenológicas. Ora essas três propriedades são comuns a todas as coisas. Pela qualidade, tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo. (SANTAELLA,2005,p.12)

Reforçando com a questão do autor em que signo que atenda aos pressupostos, Siqueira (2010) colabora ainda mais com esse questionamento, relatando que:

O signo funciona como um mediador entre o objeto e o efeito que ela está apta a produzir em sua mente, já que de alguma forma representa o objeto. Porém o signo só pode representá-lo por que o objeto determina o signo, todavia embora o signo seja determinado pelo objeto, este último só é acessível pela mediação do sujeito, sendo assim uma das razões em que não se pode dispensar a representação. (SIQUEIRA, 2010, p.3)

Contudo esse autor esclarece que existe no universo do signo três classes que identifica o próprio signo:

Os ícones que são quali-signos que se reportam a seus objetos por similaridade, sendo que só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exibe se assemelha a outra qualidade. Os índices, diferente dos ícones se fundamentam a partir de uma existência concreta, ou seja, seu objeto imediato é uma maneira como o índice é capaz de indicar algo existente, o objeto dinâmico que mantém uma conexão existencial. Já os símbolos têm uma ação mais complexa, pois se fundamentam a partir do legi-signo, ou seja, leis que operam condicionalmente, estabelecendo convenções. (SIQUEIRA, 2010, p.3)

Na verdade podemos chegar a conclusão que os signos e significados segundo o autor estão sempre presentes em nossa realidade, seja em imagem, em folders, cartazes e etc. Visto que, em todo o contexto o qual o signo esteja inserido segundo Santaella (2010) a idéia central desse elemento é informa, descrever e relatar algo. Diante disso, passaremos nesse próximo tópico analisar a questão dos significados.

c) Interpretante

Na verdade Santaella (2005) afirma que interpretantes é um conjunto de conceitos que fazem uma verdadeira radiografia ou até uma microscopia de todos os passos através dos quais os processos interpretativos ocorrem. Visto assim a autora acrescenta ainda demonstrando que:

Sem essas regras interpretativas, os símbolos não poderiam significar, pois, o signo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o signo o que ele significa. Em outras palavras, o signo está conectado a seu objeto em virtude de uma idéia da mente que usa o símbolo, sem o que uma tal conexão existiria. (SANTAELLA, 2005, p.25)

Ainda nesta esfera segundo a autora é no interpretante que acontece, por meio de uma norma associativa, uma construção de conceitos na mente do intérprete, associação esta que por ventura constitui uma ligação entre o signo e seu objeto, visto que, para a autora o símbolo estabelece como significante apenas através do interpretante. Dessa vez essa autora reforça ao afirmar que, “os níveis de interpretante incorporam não só elementos lógicos, racionais, como também emotivos, sensoriais, ativos e reativos como parte do processo interpretativo. Este se forma em um compósito de habilidades mentais e sensoriais que se integram em um todo coeso”.

Diante disso, para a autora são essas capacidades que precisamos desenvolver na prática das leituras frente a uma visão da interpretação da teoria semiótica. Logo, após essa exposição com relação ao fator interpretativo, discorreremos no próximo tópico, observar as análises das imagens em questão.

4.2 Uma imagem e muitos interesses

Os indivíduos negros sempre conviveram com as dificuldades e os preconceitos durante muito tempo, e relatando melhor essa colocação, o Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil, afirma que:

[...] a diminuição da qualidade e da expectativa de vida da população negra, e revela maiores chances de morte materna e infantil e menor acesso a serviços de saúde,

além da violência vivenciada de forma mais intensa por esse grupo, sobretudo entre jovens negros, quando comparada ao restante da população. Diante das desvantagens materiais e *simbólicas* historicamente sofridas pelos negros, a escassez de ações efetivas para o seu enfrentamento poderá prorrogar as disparidades nas condições de vida e saúde indefinidamente. (NETO, 2014, p.2)

Quando observamos essa colocação do autor, o que de fato mais nos impressiona são os argumentos no final da citação “Diante das desvantagens materiais e simbólicas sofridas pelos negros (...)” esses argumentos segundo Neto (2014) nos permite fazermos interpretações com a imagem que seguirá em discussão, que autoriza o leitor a afirmar a possibilidade de preconceito racial na exposição da imagem.

a) Caso 1

Para tanto, esta primeira imagem a ser questionada sobre os olhares da semiótica, interpretada pela visão de vários autores renomados nessa área, assim como: Neiva (1993); Neto (2014); Santaella (2005), essa entendida pela concepção da teoria Perceniana, a qual relata que a imagem estabelece uma relação de semelhança com seu objeto puramente no nível da aparência, fatores esses que serão reforçados por um dos ramos da semiótica; o da *lógica crítica*⁵, assim como também, a contribuição da relação entre signos e significados. Este cartaz apresentado nas campanhas educativas do MS em 2010 que versa sobre o combate das *Hepatites*:

⁵ Segundo Santaella (2005) Lógica Crítica toma como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos.

Imagem 1 – Campanha preventiva da hepatite viral



Fonte: Governo Federal. Ministério da Saúde (2010).

A imagem em questão foi criada devida uma Campanha preventiva da *Hepatite viral*, lançada pelo Ministério da Saúde no ano de 2010, esse movimento fora criado com o intuito de alertar os cidadãos sobre os riscos de contágio dessa doença infecto contagiosa, visto que, segundo o Ministério da Saúde e a Secretaria de Vigilância em Saúde, “Hepatite viral em sua maioria, são doenças silenciosas, que em muitas fases passam despercebidas na vida das pessoas, até o momento em que os sinais e sintomas começam a aparecer e a doença se manifesta”.

Na verdade como afirma o Ministério da Saúde às hepatites virais são tipos de doenças silenciosas que afetam e passam despercebidas na vida das pessoas, em momento algum no conceito dessa doença se fala em ocorrências em maior escala principalmente os indivíduos de “cor Negra ou raça Preta” é um fator que se contrapõe com a imagem que iremos agora analisar.

Começaremos nossa questão sobre o Título da campanha: “*As hepatites podem estar onde você menos espera*” o tema se posiciona com uma visão perfeita, mas quando nos dispusemos com a ‘imagem’ a qual segundo Santaella (2005) representa o terceiro elementos da triádica de natureza dos signos⁶, a qual a relaciona o objeto direto da imagem, que é a simbologia do negro, localizado no lado esquerdo do cartaz escrito assim: “*Inclusive em você mesmo Faça o teste*” este enunciado segundo Santaella (2005) esta denunciando que o

⁶ Segundo Santaella (2005) o terceiro elemento representado pela semiótica a ser analisado da triádica de natureza dos signos é: nos termos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários.

“*Indivíduo de cor Preta*’ já se insere nesse sistema simbólico, a suspeita de estar com hepatite viral, fato este que se contrapõe com *o objeto direto da imagem da mulher branca* do lado esquerdo onde revela o enunciado: “Não espere que aconteça com você, VACINE-SE”, se o criador da imagem pede que a mulher branca vacine-se. Logo segundo a relação entre imagem e objeto da imagem posto pela semiótica representada por Santaella (2005), conclui no enunciado que o negro realmente já se encontra com hepatite e talvez a mulher que aparenta ser médica que não tenha a doença previna-se, mais a questão é por que os valores não se inverteram? Ou seja, pelo qual motivo indivíduo negro tem que previne-se, e a médica ou mulher branca tem que fazer o teste? Visto que, assim como afirma Jamal (2011)

Para nos instalarmos nesse campo de reflexão, cumpre falarmos, ainda, sobre o papel do sujeito no processo de atribuição dos sentidos. Não se pode separar o sujeito da história, bem como da relação que ele mantém com as recorrências linguísticas. Assim, estamos considerando o lugar do linguístico como um espaço caracterizado pelo recorte de sentido realizado pelo sujeito. Dessa forma, diante de um texto, o sujeito pode construir uma rede de significações cujos sentidos são sócio-historicamente produzidos e interpretados como naturais. (JAMAL, 2011, p.5)

É importante ressaltar que como foi citado no início deste trabalho, as políticas de saúde voltadas a prevenção de doenças infecto-contagiosas são destinadas a população negra, evidenciando um enfoque nesta de modo depreciativo. Há também no texto uma personagem branca que traz a ideia de equidade, porém se observarmos bem vemos que ela está exposta em primeiro plano com a personagem negra por trás, o que é comum de se ver em propagandas deste tipo. Isso evidencia que o há uma divergência de posições sociais nos papéis representados.

Diante disso um fator que julgamos ser pertinente é que o Ministério da Saúde em entre no ano de (1999-2011) fez uma pesquisa a qual demonstrou com relação a casos confirmados no ano acima citado explicitou que entre cem mil habitantes infectados em detrimento a *raça ou cor*, o menor índice de pessoas infectadas foram indivíduos de cor negra, ou seja, percentual que realmente se contrapôs com a figura que fora analisada anteriormente.

Logo, analisaremos no próximo exemplo a seguir outra imagem 2 da Campanha de Saúde, que segundo Santaella (2005) vincula a imagem do negro como estereótipo a doença em questão.

Imagem 2 - Campanha de combate a Tuberculose



Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 2013.

Imagem 3 - Campanha de combate a Tuberculose



Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 2012

Começaremos nossa segunda análise nas imagens 3 e 4 sobre a doença infecto contagiosa Tuberculose, tal qual iremos refletir mais um pouco sobre a questão da semiótica e seus conceitos que serão representada por Santaella (2005), a qual argumenta a seguinte questão:

A teoria semiótica nos permite penetrar nos próprios movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidades não apenas a um contexto mais imediato, como também a contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela historia, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz.(SANTAELLA,2005, p.6)

Diante dos argumentos em questão é pertinente argumentar que a análise da imagem deve ser interpretada de maneira que leve o indivíduo a refletir de certa forma sobre três teorias mostrada por SANTAELLA, (2005), as quais lhe darão um melhor esclarecimento frente a simbologia em questão: a primeira teoria é a da relação do signo consigo mesmo, ou seja os cartazes demonstra as mesmas relações que é a imagem do negro com a doença infecto contagiosa, *a tuberculose*, no entanto, esses dois objetos simbólico reforça idéia da interpretação que incide no denominador comum que pode se configurar como preconceito, fato esse que também incide numa teoria das potencialidades de limites da significação.

Já a imagem 3 sobrepõe a relação do fundamento com o objeto, ou seja, essa questão nos mostrará a relação a qual o signo representa e tal qual se aplica, ou seja, o objeto da imagem que é a figura do negro com a sua própria imagem a qual o signo representa, levando o leitor a expor uma interpretação assim como relata Santaella (2005) a dinâmica dos símbolos, ou seja, isso engloba o contexto a qual o símbolo se refere. E a terceira teoria enfatizada pela a autora é teoria do fundamento com o interpretante, observando as imagens 2 e 3 assim como afirma Santaella (2005) dar margem que deriva uma teoria da interpretação, ou seja, o vinculo entre receptor e sua interpretação, com as implicações quanto aos seus efeitos sobre o interprete, individual ou coletivo, ou seja, é a possibilidade que a teoria nos fornece para mostrarmos a possibilidade do preconceito racial existente nas duas imagem do negro em questão fazendo uma ponte com a realidade e conhecimento de mundo de cada indivíduo. Diante disso segundo Santaella (2005) podemos afirmar que a imagem constrói estereótipos do negro relacionado com a doença em questão *Tuberculose*.

Além dessas imagens, interpretaremos mais adiante a luz da semiótica, exigida por Santaella (2005) e Neiva (2005) outras efígies das campanhas de doença infectocontagiosa a qual demonstra ao leitor segundo diagnóstico da semiótica a possibilidade existente do preconceito racial.

Imagem 04 - Campanha de combate a hanseníase



Fonte: Governo Federal. Ministério da Saúde 2014

Imagem 05 - Campanha de combate a hanseníase



Fonte: Governo Federal. Ministério da Saúde 2014

A quarta imagem a ser discutida é representada pela simbologia de duas amostra: A quarta imagem cogitada anteriormente é vista da seguinte maneira: uma mulher e uma criança negra, com uma legenda escrita da seguinte forma “*Procure saber se você tem a doença, procure tratamento.*”

Na quinta imagem também problematiza a mesma campanha educativa de combate a Hanseníase, representada pela efígie de um homem de *cor branca* que se apresenta com vestimentas de médico, o que é fortalecido pelo enunciado ao lado descrito: “*Hanseníase tem cura, converse com seus pacientes*”. Visto que é referido a Santaella (2005) realizar a seguinte afirmação:

O objeto dinâmico dos símbolos é uma referência última que engloba todo o contexto a que a simbologia se refere ou se aplica, fosse possível pensar uma tal referência última ou contexto global do signo(...) Ora, esse recorte específico que um símbolo faz de seu contexto de referência é o objeto imediato do símbolo. (SANTAELLA, 2005), p.20.)

Logo, temos nessa colocação segundo a autora dois *objetos imediatos* distintos, porém ligadas pelos discursos sobre a referida doença em foco, ou seja, um paciente negro incentivado a procurar identificar a possibilidade da doença em si; E um personagem branco impulsionado a orientar sobre a doença em outros, e não em si próprio; o que segundo a autora reforça na citação que “*a relação do contexto com a simbologia apresenta e referencia um contexto global dos signos*” reforça a tese simbolicamente relatando que a doença Hanseníase em contraponto com as imagens estaria mais voltada a atingir os indivíduos de cor/raça negra. Diante disso, Neiva (1993) reforça com relação ao contexto sobre a interpretação das imagens que podemos observar:

A interpretação das imagens através das séries conexas permite o reconhecimento das analogias entre as imagens'. Analogias possíveis de serem detectadas devido ao nosso pré-conhecimento ou reconhecimento adquirido do referente, do processo cultural que as produziu são de uma maneira mais imperceptível, devido a nossa própria inserção neste processo de produção. (NEIVA, 1993, p.148).

No entanto a imagem em questão acima observada, nos permite analisar frente ao questionamento do autor, e interpretar, visto que, quando comparada às duas imagens, possibilita ao leitor a construção de alguns posicionamentos preconceituosos/racista ao indivíduo de cor negra. Para tanto, é o que autor reforça ao afirmar que “*a interpretação consiste na tarefa de intermediação dos significados presentes em uma obra qualquer mais do que num processo de significação propriamente*”

Por que o Ministério da Saúde apresentou nessa campanha de combate a Hanseníase uma mulher e uma criança de cor negra como paciente? É como a legenda descreveu: “*Procure saber se você tem a doença, procure tratamento*” segundo Neiva (1993) a cabível interpretação implicitamente a qual foi analisada, nos possibilita que acreditamos que á uma possível acusação de que tanto a mãe como o filho visto na imagem gera uma suspeita de que

ambos já estão contaminados, visto que, o próprio folder se contrapõe com a pesquisa anteriormente avaliada pela Organização Mundial de Saúde, tal qual os indivíduos de *cor/raça* brancos e pardos são os mais vulneráveis a contaminação da doença (*Hanseníase*) e não os negros demonstrados na imagem.

No entanto, o que Neiva (1993) nos proporciona interpretar com relação à figura do médico, é que quando analisamos as duas figuras dar a entender que Hanseníase é doença de negro, uma vez que, o médico demonstrado na outra imagem configura-se de cor branca. Sendo dessa maneira a inquietação e os questionamentos que virão a conceituar-se são: Por que o Ministério da Saúde nesta campanha de combate a Hanseníase 2014, não colocou o homem branco infectado pela doença e a mulher negra como a médica? Visto que segundo Brito, Araújo, Uchôa (2014) em sua pesquisa entre o ano de 2010/2011 perceberam que os brancos apresentaram uma fragilidade maior com relação à contaminação de hanseníase.

Ademais passaremos analisar mais alguns imagens frente a literatura da semiótica, das campanhas educativas, sobre amamentação, e também da importância da doação de órgãos, ambas lançadas pelo Ministério da Saúde. Diante dessa análise, utilizaremos como suporte a teoria de Neiva (1993), Santaella (2005). Para tanto perceberemos que tais imagens servirão de contraponto as efígies que fora interpretada anteriormente.

Imagem 06 - campanha de amamentação



Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 2014

Imagem 07 - Campanha de amamentação 2015.

AMAMENTAÇÃO E TRABALHO. PARA DAR CERTO, O COMPROMISSO É DE TODOS.

MIRNA REBEIRO, MÃE DE MARCO E BRUNA, TRABALHADORA QUE AMAMENTA

FERNANDA VIEIRA, RAQUELIA SOUZA-FRANZ e SEU ESPÓSO, PAÍS DO VÍCIO E PRESIDENTE DA EMPRESA

Mulher Trabalhadora que Amamenta

Quando a empresa apoia suas funcionárias a manterem a amamentação após o término da licença-maternidade, todos ganham. O bebê, que fica mais protegido contra doenças; a mãe que, com o filho saudável, volta mais ao serviço e trabalha mais satisfeita. E o empregador, que ganha em produtividade e passa a ter uma imagem socialmente responsável.

SE VOCÊ É MÃE
Amamentar seu filho por até dois anos ou mais, é uma prática que protege, dá descanso e fortalece o vínculo. Para garantir a amamentação, é essencial negociar as melhores condições antes de voltar ao trabalho. Quando voltar ao trabalho, procure negociar com sua empresa a possibilidade de manter a amamentação. Amamentar o seu filho ao longo da vida dá saúde ao bebê, mais satisfação e bem-estar para a mãe. A amamentação reduz o risco de doenças e fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho.

SE VOCÊ É EMPREGADOR
Incentivar sua equipe a amamentar após o final do trabalho, tanto a mulher quanto o homem, é uma prática que fortalece o vínculo entre você e sua equipe. Além disso, incentivar a amamentação após o término da licença-maternidade ajuda a manter a produtividade e a reduzir o absenteísmo.

QUEM APOIA A AMAMENTAÇÃO, MERECE RECONHECIMENTO.

É o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.

136
www.saude.gov.br

SUS
Ministério da Saúde

BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

#amamentação

Para saber mais, acesse: www.saude.gov.br/amamentamaterno

Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 2015

Imagem 08 - Campanha de doação ao leite materno

Doe leite materno e ajude a mudar o futuro de muitas crianças.

Ilza Pereira da Silva

João Marcello Bóscoli
Produtor musical

DOE LEITE MATERNO

Quem doa leite materno faz diferença na vida de muitas crianças, permitindo que elas recebam seus benefícios para crescerem mais saudáveis. Por isso, faça como Ilza Pereira da Silva, que há 42 anos doou leite materno para João e outras crianças prematuras, dando a elas a chance de ter um futuro melhor. A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, há 70 anos, ajuda a transformar vidas e hoje é referência para o mundo.

Informe-se no banco de leite da sua cidade.

@minsaude /minsaude

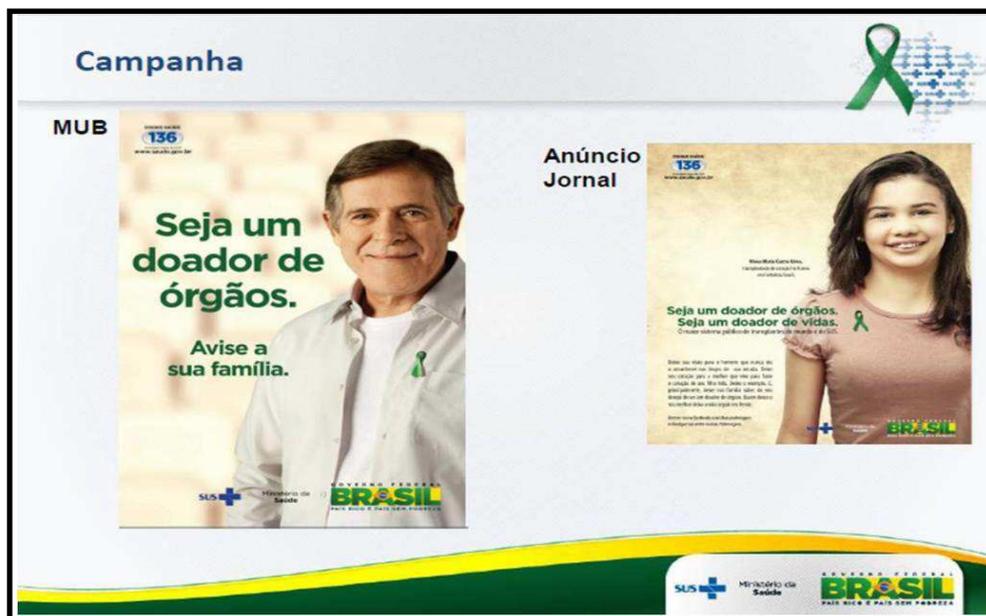
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

136
www.saude.gov.br

SUS
Ministério da Saúde

Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 2014.

Imagem 09 - Campanha de incentivo a doação de órgão



Fonte: Governo Federal.Ministério da Saúde 20

Conseguimos questionar frente aos conceitos de Neiva (1993) e Santaella (2005), que fora encontrado contraponto entre as efígies apresentada. Diante disso, Neiva (1993) afirma que interpretar, então, quer dizer fazer ver certas correspondências entre universos ou estados de coisas, entre ais quais não nos percebíamos até então nenhuma ligação direta. Frente a isso, quando interpretamos as imagens das campanhas educativas com relação a doenças infectocontagiosas, perante os conceitos da semiótica, foram permitido algumas interpretações com possibilidade da criação de estereótipos frente aos indivíduos negros, mesmo sendo comprovado pelo próprio MS que o negro não seja vulnerável a tal doença como por exemplo; *Hepatite viral, Hanseníase e a tuberculose*.

Visto dessa maneira o quando comparamos essas imagens das campanhas educativas, Campanhas de incentivo a amamentação (2014/2015); Campanhas de doação ao leite materno (2014) e a Campanha de doação de órgãos em (2012) todas criadas pelos MS, nessas imagens, nenhuma é representado pela figura do negro, todas as imagens são famílias brancas e famosas, em destaque a família do apresentador da TV Globo Serginho Groisman, fazendo a Campanha educativa de incentivo a amamentação, assim como, o autor global José de Abreu, representando ao lado de uma criança também de cor branca, fazendo a campanha de incentivo a doação de órgãos. Interpretadas dessa maneira Neiva (1993) reforça que:

Admitimos que a tarefa de interpretação, pensando principalmente nas imagens contemporâneas, implica num esforço constante de tentar nos colocar como um

espectador privilegiado que procure assistir ambos os níveis-percepção e produção. Na interpretação das imagens contemporâneas estaremos, muitas vezes e ao mesmo tempo, impregnados por eles, porque “imagens são simultaneamente reflexo e esboço de comportamentos. Neiva,(1999),p.149.

Frente aos argumentos relatamos tais considerações num momento de generalizações das imagens que revelam o contraponto, apresentamos ao leitor por sua vez, uma esfera da semiótica, que nos posiciona frente as imagens o direito de interpretar, pois, segundo Siqueira (2010), as idéias de uniformidade, controle e padrão, reforçam o paradigma positivista, marcado por uma tradição de pesquisa lógico-racional e delimitadora, diferente do momento histórico-social que vivemos hoje, pleno de incertezas, ambigüidade e fragmentações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos traçar um esboço teórico a cerca da forma de abordagem do negro na sociedade atual tomando por base as propagandas veiculadas nacionalmente em diversos meios pelo Ministério da Saúde com intuito de prevenir doenças infecto contagiosas. Para isso, utilizamos as imagens que foram interpretadas frente à teoria da semiótica representada pelos autores Neiva (1993), Santaella (2005) e Siqueira (2010).

Tínhamos por intuito mostrar que existe uma cultura preconceituosa implícita nestas imagens, e que isto se dá em virtude de que desde o período colonial que fora mostrado pelos autores Hall (1994); Guimarães (2006) e Therborn (2006), o negro vem sofrendo pela escravidão e também com preconceito racial. Embora sejamos enfáticos em afirmar que não somos preconceituosos, nossas falas atitudes e pensamentos não corroboram com este ideal. Até mesmo o Governo Federal, de forma velada, cultivava esse sentimento de exclusão social em seus programas de proteção a saúde. Mesmo de forma indireta, podemos perceber que a escolha de falas, temas e personagens nas imagens analisadas por este trabalho, expõem que por trás da política de equidade, existe uma ideologia excludente e de inferiorização do ser humano da cor negra. Traçamos um pequeno resumo histórico do preconceito de raça em nosso país desde a época da colonização que foi a gênese desse preconceito quando os portugueses trouxeram os negros para cá sob a alegação de que se equiparavam a animais e deviam ser tratados como tal. Como marco histórico citamos a época da cultura escravocrata na qual os negros sofreram o maior exemplo da impiedosa desigualdade social imposta por princípios sociais baseados na cor da pele e na origem da raça.

Diante o que foi exposto, percebemos que a cultura da equidade racial desejada por muitos e trabalhada no dia a dia pelos governos atuais com intuito de promover a saúde e o bem-estar da população brasileira ainda carrega traços da cultura do preconceito. Mesmo com tantos discursos contra o ódio racial, o próprio Governo, representado aqui pela figura do Ministério da Saúde; possui em seus textos, traços da cultura de exclusão racial. Procuramos desenvolver este trabalho com intuito de contribuir e alertar para o fato de que utilizar a imagem do negro como cenário para tratar sobre problemas, doenças, pobreza e etc. Não ajuda a destruir a cultura do preconceito racial, mas apenas contribui para ratificar a continuidade da tradição excludente do branco para com o negro que acontece desde o século XVI em nosso país. Infelizmente esta não acabou. Apenas mudou as expressões utilizadas para se adequar ao “politicamente correto”.

REFERÊNCIAS

- Brito KKG, Araújo DAL, Uchôa REMN. Epidemiologia da hanseníase em um estado do nordeste brasileiro. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 8(8):2686-93, ago., 2014
- BOBBIO, Noberto. **Estado, Governo, Sociedade: por uma teoria geral da política.** Rio de Janeiro. 1987
- BROWSER, B.P. (1995). **Introducion: The global community, racism and anti-racism.** 1995
- BRASÍLIA (Estado). Emenda Constitucional de Revisão nº 1 a 6/94 pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 76/2013 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília,1988.
- HALL ,Stuart. **A identidade cultural na pos-modernidade.**2006
- HERINGER,Rosana. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas.** 2002
- HOCHMAN, Gilberto, ARRETCHE, Marta e MARQUES, Eduardo.**Políticas Públicas no Brasil.ed.Fiocruz, 2007.**
- JAMAL, Ângela Maria Alves Lemos. **A leitura e seus efeitos de sentido: uma perspectiva de análise.** V.2. Uberlandia, 2011.
- LIMA, JhéssicaLuara Alves. **Direitos Humanos e discriminação racial.**01/09/2015
- LINS, L.S.B, LIMA,Nunes. CAMINO, Leoncio. **O papel dos valores sociais e variáveispsicossociais no preconceito racial brasileiro.** 2014

NETO, José Antônio Chehuen. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: implementação, conhecimento e aspectos socioeconômicos sob a perspectiva desse segmento populacional.** 2014

NEIVA, Eduardo. **Imagem, história e semiótica.** Anais do *Muse* Paulista (nova série), n.º 1, 1993.

NOZAKI, William Vella. **Preconceito racial: modos, temas e tempo.**v.21, n.2, p.316-319, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada.** São Paulo, 2005.

SILVA, Djalma Rodrigues Sebastião. **‘Vinculo familiar’ e ‘conflitos’ entre modernidade e tradição: aspectos das funções dos personagens de Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, Mia Couto.** 2010

SILVA, Joana Brito de Lima. **Perspectivas sociológicas sobre as desigualdades brasileiras.** 2012

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. **O desvelar da imagem: análise semiótica de capas de livros do domínio da ciência da informação.**ed 3. São Paulo, 2010.

VICENT, Tânia Aparecida de Souza. **Metodologia de análise de imagens.** 2009

THERBORN, Goran. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000.** São Paulo: contexto, 2006.